

OS DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO COM A COEXISTÊNCIA DO ENSINO REMOTO E O PRESENCIAL

Carmen Regina Gonçalves Ferreira¹

**Eixo temático 10 : Alfabetização e pandemia:
desafios, aprendizados e perspectiva**

Resumo: O objetivo deste trabalho consiste em problematizar o contexto da alfabetização em 2021, momento em que no Rio Grande do Sul o ensino remoto e o presencial coexistiram durante a pandemia, a partir da perspectiva metodológica de encontros de pesquisa-formação. Para tanto, analisou-se a partir dos relatos de uma alfabetizadora que atuou com uma turma de 2º ano, aspectos que elucidam o (in)sucesso desse contexto educacional. Os dados da pesquisa evidenciam a complexa tarefa de atender as crianças que se mantiveram em casa e as que voltaram para a escola sinalizando vantagens e desvantagens. Para os que se mantiveram no ERE teve-se a proteção assegurada pelos responsáveis, no entanto, em virtude da ausência de internet os processos de mediação e intervenção pedagógica foram comprometidos. Para os que retornaram ao presencial observou-se as dificuldades de se manter os protocolos de segurança, sem descaracterizar a escola como espaço de socialização que interfere nos processos de ensino e aprendizagens. O novo cenário além da sobrecarga docente exigiu sensibilidade e espaços de escuta aos alunos, entendendo que a educação não se resume a conteúdos, mas às humanidades que fazem parte das ações educativas. Embora todos os esforços da docente sejam visíveis para garantir que as crianças, seja no ensino remoto ou presencial, tivessem o direito à educação minimamente garantido, a suposta “revolução na educação pós-ensino remoto” que se preconizou não parece ser uma realidade no contexto investigado, visto que tal tarefa não cabe exclusivamente à docência.

Palavras-chaves: Alfabetização; Pandemia; Ensino Remoto; Ensino Presencial

Introdução

Frente a tantos impasses que permearam a aplicabilidade do Ensino Remoto Emergencial (ERE) desde o início da pandemia de COVID-19² em 2020 e com o avanço do processo de vacinação, o retorno às aulas presenciais ocorreu para alguns estados e municípios em maio de 2021, ainda em meio à pandemia. Mesmo com esse cenário instável, no Rio Grande do Sul (RS)³, os pais e/ou responsáveis puderam decidir se seus filhos(as) frequentariam o ensino presencial ou se as crianças continuariam acompanhando as atividades de modo remoto. No entanto, tal decisão perpassou pela dualidade entre deixar

¹Doutora em Educação (UFPeI) e pós-doutoranda em Educação (FURG). E-mail: carmenreginaferreira@yahoo.com.br.

² A Covid-19 é uma doença infectocontagiosa causada pelo Corona vírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2).

³Segundo o G1, a organização de retorno às aulas presenciais em 2021 não foi a mesma em todos os estados. Para maiores informações, acessar: <https://g1.globo.com/educacao/volta-as-aulas/noticia/2021/10/14/estados-liberam-retorno-das-aulas-presenciais-para-todos-os-alunos-veja-situacao-pelo-pais.ghtml>.

as crianças no ERE com todas as dificuldades que caracterizaram essa modalidade de ensino frente às desigualdades sociais, ou permitir a presencialidade na escola, fator extremamente importante na alfabetização, contudo, cientes das dificuldades em se manter protocolos de segurança com crianças pequenas.

Esse novo cenário caracterizou a alfabetização em 2021, período em que ensino remoto e presencial coexistiram, ampliando a jornada de trabalho docente e a reorganização da dinâmica de ambas modalidades de ensino que exigiu a participação simultânea de um grupo de crianças na sala de aula e de outro de forma remota com envio de atividades impressas, e ainda, distanciamento físico mesmo estando presencialmente nas escolas, configurando-se em um contexto de heterogeneidade de situações experienciadas por docente, discentes e suas famílias. Em virtude dessa pluralidade de atendimentos as professoras alfabetizadoras⁴, tiveram que elaborar diferentes planejamentos e criar distintas estratégias de acompanhamento e de avaliação, o que acarretou uma sobrecarga de trabalho.

Essa nova conjuntura na educação suscita importantes reflexões sobre como esse cenário inédito de transitoriedade em que coexistiram dois movimentos distintos, crianças estudando dentro e fora das escolas durante a pandemia. Assim, o objetivo deste texto é tecer algumas reflexões sobre esse cenário da educação no âmbito da alfabetização, a partir das experiências vivenciadas no ano letivo de 2021 por uma professora alfabetizadora que atuou, de maio a dezembro com uma turma de 2º ano.

Desse modo, apresentam-se, inicialmente, as problematizações acerca do ensino remoto e presencial ministrado simultaneamente. Na sequência, descreve-se o percurso metodológico indicando que se trata do recorte de uma pesquisa mais ampla realizada desde meados de 2020⁵, sendo que, para o caso deste texto, elegeu-se um evento pontual, o encontro pesquisa-formação (JOSSO, 2004), em que foram analisadas as falas de uma das professoras alfabetizadoras investigadas, cujo foco de discussão foi o retorno às aulas presenciais na escola. Por fim, analisam-se os resultados a partir dos relatos dessa docente e tecem-se reflexões a respeito dos desafios de se alfabetizar neste novo contexto, contrapondo o discurso à época do início do período pandêmico, em que se preconizava uma revolução na educação pós-ensino remoto.

2 Fundamentação teórica

Passado um ano do começo do período pandêmico e mesmo com uma taxa muito baixa de pessoas totalmente imunizados com as vacinas contra o vírus (19,89%), as aulas

⁴ O termo será utilizado neste texto no feminino, tendo em vista que esse cargo é ocupado majoritariamente por mulheres.

⁵ Esta investigação vem sendo realizada por pesquisadoras do GEALI (FURG) e vincula-se à pesquisa nacional conduzida pelo coletivo ALFABETIZAÇÃO EM REDE, que tem com um dos seus objetivos investigar os impactos do ensino remoto na alfabetização, durante e após a sua implementação.

presenciais foram gradativamente retomadas em 2021. Em meio a um contexto de incertezas, coube aos pais/responsáveis a tarefa de decidir se as crianças permaneceriam no ensino remoto ou se voltariam para as aulas presenciais, pois ambos os sistemas de ensino coexistiram naquele momento inicial de reabertura das escolas (BERTONI, 2021). Manter as crianças no ERE significaria vivenciar os mesmos problemas do início de sua implementação em 2020. Tendo em vista um contexto de desigualdade social como o Brasil, em que 58% dos domicílios brasileiros não possuem computadores e 33% não dispõem de conexão à *internet* (CGI.br, 2019), a implementação do ERE configurou-se desde o princípio em uma proposta pouco ou mesmo nada eficaz, sobretudo no âmbito da alfabetização e para as classes populares.

Em muitos casos, por falta de estrutura digital essa modalidade de ensino foi reduzida à retirada de materiais impressos na escola pelos pais e/ou responsáveis, situação agravada quando parte desses, correspondiam aos 11 milhões de brasileiros considerados analfabetos (IBGE, 2019), que não conseguiam acompanhar/orientar as crianças em suas atividades. Fatores que culminaram em um alto índice de casos de evasão dos alunos (3,8% em 2020), que quase dobrou em relação ao ano anterior no país (MARTINS, 2021). Além disso, “as condições e formação dos docentes para trabalho de educação escolar em modo remoto e para uso de mídias, para o desenvolvimento de formas de envolvimento ativo dos estudantes, desenvolvimento de atividades compartilhadas, e mesmo a avaliação do desempenho dos alunos” (GATTI, 2020, p.32), bem como um atendimento ideal a quem demandasse atendimento especial, foram questões difíceis de serem operacionalizadas durante a implementação do ERE. Todos esses aspectos parecem ter sido ignorados nos discursos que enfatizavam que a educação nunca mais seria a mesma depois do ensino não presencial na pandemia. As análises apressadas desconsideraram que “olhar para o futuro sem refletir o presente e também analisar o passado e as ações nele desenvolvidas” (SANTOS, 2020, p. 46) podem trazer resultados diferentes dos esperados. Não caberia apenas à professora a responsabilidade por essa suposta “revolução” ignorando a importância das ações relacionadas às políticas públicas e aos processos de formação docente.

Frente a isso, as mudanças que se observou no retorno ao presencial limitaram-se basicamente aos protocolos de segurança. Como forma de garantir um retorno presencial nas escolas, supostamente mais seguro, o Ministério da Educação (MEC) apresentou protocolos de segurança para evitar o contágio dentro das escolas⁶, orientando que deveria-se organizar o atendimento de um número reduzido de alunos por turma, mantendo classes e cadeiras com afastamento de 1,5m, janelas abertas, ambientes bem higienizados, utilização de máscaras (alunos, professores e funcionários), aferição de temperatura de todos que

⁶ <https://www.gov.br/mec/pt-br/centrais-de-conteudo/campanhas/1/coronavirus/CARTILHAPROTOCOLODEBIOSSEGURANAR101.pdf/>

adentrassem a escola (tendo como limite 37^o), horário reduzido das aulas e evitassem qualquer tipo de atividade que promovesse aglomerações, como o recreio. Caberia ainda a cada escola adaptar os protocolos conforme a sua realidade, pois as salas de aula que não comportassem a quantidade de alunos conforme o distanciamento físico sugerido, deveriam realizar uma escala que garantisse a segurança dentro das escolas (COSTIN, 2021).

Tendo em vista, que nesse movimento inicial de reabertura das escolas, haveria crianças também no ERE, esse cenário exigiu das professoras a simultaneidade de formas organizativas do trabalho docente ao ter que elaborar planejamentos, estratégias avaliativas e de acompanhamento para ambos os contextos e ainda atender aquelas crianças que não tinham acesso à *internet*, por meio de atividades impressas; com orientações aos pais/responsáveis de como conduzir o trabalho junto às crianças. Todos esses materiais deveriam ser postados nas plataformas digitais exigidas por diversas secretarias de educação, em que os pais/responsáveis tinham dificuldades de acessar, exigindo que as docentes acabassem repostando todos os planejamentos novamente em grupos de *WhatsApp* que serviram como uma ferramenta mais acessível para enviar/receber os materiais e *feedbacks* dos responsáveis (EM REDE, 2020).

Segundo Gatti (2020), além das medidas de segurança presente nos protocolos sanitário e a preocupação com as possíveis lacunas de aprendizagens, considerou-se igualmente importante criar formas de acolhimento para toda a comunidade escolar, que minimizassem os impactos gerados pelo distanciamento social. Isso significaria não sobrepor o trabalho com os conteúdos ignorando o estado emocional das crianças nesse retorno presencial, que além de casos de luto e o medo do contágio, muitos alunos acabaram sendo vítimas de cenas de violência doméstica, desemprego dos familiares, ausência de alimentação, dentre tantas outras questões que podem ter deixado diversos sentimentos negativos nas crianças (LINHARES; ENUMO, 2020). Ignorar essas fatalidades e investir esforços apenas nas lacunas de aprendizagens deixadas pelo ERE, seria o mesmo que negar essas vivências traumáticas que acabam incidindo no desenvolvimento socioemocional e cognitivo das crianças.

Dessa forma, esse novo contexto em que coexistiram o ERE e o presencial em 2021 parecem sinalizar desafios tão complexos quanto os vivenciados no início da pandemia e que carecem de investigação. Desse modo, optou-se por analisar as experiências vivenciadas por uma professora alfabetizadora, na tentativa de conhecer o contexto da educação em um município do Rio Grande do Sul, permeado por medidas/protocolos de segurança que garantissem o direito à educação de forma remota ou presencial nas escolas.

3 Metodologia

A investigação, de perspectiva qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994), seguiu a abordagem metodológica da pesquisa-formação, a qual estabelece uma estreita relação entre a ação reflexiva de si e a ressignificação da experiência, uma vez que as narrativas de formação possibilitam aos sujeitos questionarem suas identidades (JOSSO, 2004). Partindo desse pressuposto metodológico, o Grupo de estudo e pesquisa em Alfabetização e Letramento (GEALI), vinculado à Universidade Federal do Rio Grande- FURG, organizou um grupo de pesquisa-formação, constituído por três professoras alfabetizadoras que ingressaram na carreira do magistério por meio de concurso público no município de Rio Grande (RS).

Os encontros de formação aconteceram de forma *on-line*, via plataforma *Google Meet*, contabilizando cinco em 2021, com duração de duas horas cada, os quais foram gravados e transcritos. A dinâmica deste grupo consistia em estudo prévio de leituras de textos científicos ou vídeos a respeito da alfabetização no ensino remoto. As reuniões tinham como foco a socialização por parte de cada uma das alfabetizadoras sobre suas impressões a respeito das leituras sobre alfabetização na pandemia confrontando com sua prática.

Assim, para este texto, foram selecionados os dados do encontro de 03 de agosto de 2021, a partir dos relatos de uma das professoras alfabetizadoras⁷, que estava atuando em turmas de 2º ano, em uma escola do campo. As falas foram transcritas e analisadas conforme os pressupostos metodológicos da Análise de Conteúdo (MORAES, 1994).

4 Resultados e Discussão

Conforme os relatos da professora alfabetizadora, para os alunos que permaneceram no ensino remoto não houve encontros síncronos porque a *internet* apresentava problemas de conexão, incluindo a da escola, que constantemente apresentava instabilidade de conectividade. Frente a essas dificuldades, os familiares buscavam as atividades impressas na escola às segundas-feiras e devolviam na semana seguinte para serem corrigidas pela docente. A forma como foi vivenciado o ensino remoto na escola do campo em que a professora Simone trabalhava, a deixava muito preocupada, pois a maioria da turma não conseguia se comunicar com ela, salvo algumas exceções via videochamadas. Como se observa, mesmo no segundo ano de pandemia, não houve mudanças significativas que assegurassem o ERE para essas crianças, o que denuncia a ausência de investimentos na educação pública, e mais ainda nas escolas do campo, que historicamente vem sendo negligenciadas pelo poder público (FREITAS, 2007).

⁷ Como forma de anonimato será utilizado o nome fictício Simone.

Com relação à volta às aulas presenciais a docente mencionou que a mantenedora enviou aparelhos para aferir a temperatura, uma quantidade considerável de álcool em gel e tapete sanitizante para manter os protocolos de segurança. Com isso, as crianças logo que chegavam na escola precisavam conferir a temperatura, higienizar as mãos e limpar bem os calçados antes de entrar na escola e a cada 2h trocar as máscaras (cada aluno, docentes e funcionários deveriam trazer as suas máscaras). O recreio foi suspenso e todas as refeições eram realizadas dentro da sala de aula com distanciamento de 1,5m de uma classe para outra.

Segundo a professora alfabetizadora manter o distanciamento foi um dos maiores desafios do retorno às aulas presenciais ao ter que atender as crianças em suas ações pedagógicas:

Não dá! Isso é ilusório! A gente acaba tendo contato, eu pego na mãozinha. Se eu vejo que a criança está passando trabalho, oriento com a mão, pego na mãozinha, por exemplo, para fazer o número 2 e depois passamos álcool na mão! (PROF.^a SIMONE, 2021).

Nota-se os desafios em lidar com crianças no ensino presencial durante a pandemia; o quanto ultrapassar os limites dos protocolos, muitas vezes, pode ser quase que inevitável ao lidar com crianças pequenas. Essa nova configuração da escola de “estar presente sem estar próximo” criou desafios não apenas para a docente, como para as próprias crianças que também desejavam essa aproximação que educa, que cria laços de amorosidade e incentivo para o aprender (GATTI, 2020).

Ciente da importância de propor espaços de escuta em sala de aula, uma estratégia utilizada pela docente como forma de permitir que as crianças se expressassem foi por meio de ‘Rodas de Conversa’ como forma de promover o diálogo e manifestação das emoções nesse retorno ao presencial. Foram espaços de socialização e escuta atenta sobre o que elas estavam sentindo ou vivenciando. Essas ações demonstram a preocupação da professora alfabetizadora em relação ao acolhimento como forma de diminuir a sensação de distanciamento sendo sensível às emoções das crianças em espaços de escuta e de diálogo, (FURUNO, 2020). No entanto, mesmo com todas essas estratégias de acolhimento, não foi possível evitar a falta de assiduidade dos alunos que optaram pelo ensino presencial. A docente ressaltou que um dos motivos que poderia justificar a infrequência dos discentes estaria relacionado à opacidade desse novo formato da escola que perdeu a dinâmica do recreio, das brincadeiras que envolviam a corporeidade, as atitudes de solidariedade como o empréstimo de material, o compartilhamento do lanche, o carinho afetuoso da professora, dentre tantas outras ações do convívio na escola, em troca do cuidado e preservação da vida.

Planejar também se constituiu em um grande desafio nesse cenário em que coexistiram ERE e o presencial. Para as crianças que ficaram no remoto era preciso organizar

atividades autoexplicativas, visto que quase não havia comunicação entre a docente e os discentes. Para os que voltaram para o presencial era organizado um planejamento base, mas também outras atividades sugeridas pela docente, como a leitura diária de histórias, atividades de interpretação de textos, diversas propostas de brincadeiras e jogos, o que assegurava a essas crianças a escola enquanto lugar de “sistematização e apropriação de conhecimentos socialmente valorizados, abrindo novas possibilidades de participação das crianças na cultura” (DIAS; SMOLKA, 2021, p. 5). A esse respeito a professora Simone pontuou que os alunos que estavam apenas recebendo folhas impressas, e realizando as atividades em casa sem a intervenção pedagógica da professora, foram muito afetados, e não estavam sendo realmente alfabetizados. Assegurou que poderiam ficar grandes lacunas em seus processos de aprendizagens, pois reconhece que não há como alfabetizar uma criança a distância em um contexto como o da sua escola, no qual, a maioria das crianças não conseguia participar nem mesmo de uma videochamada por problemas de conexão com a internet na zona rural.

Além disso, as demandas provenientes dos dois sistemas de ensino levaram a docente à exaustão pela sobrecarga de trabalho. Conforme destacou, foi um período muito estressante, pois além de atender as duas modalidades de ensino, precisava preencher diariamente a plataforma *Portabilis*, utilizada pela rede municipal de educação, na qual, deveriam ser incluídos todos os planejamentos, diários de classe, frequência das crianças, materiais, dentre outras demandas. Devido às complexidades de acesso à plataforma, o aplicativo *WhatsApp* continuou como uma sala de aula virtual e de contato direto com os responsáveis (EM REDE, 2020) local onde acabava postando novamente todos os materiais.

Embora muito se tenha discutido sobre as possíveis mudanças no retorno às aulas presenciais, em função do uso de tecnologias digitais na pandemia, as quais seriam incorporadas ao fazer docente (CHIZZOTTI, 2020), como se observa nos relatos da professora alfabetizadora, o que ficou dessa experiência foram apenas os grupos de *WhatsApp* para o contato com as famílias e a utilização da plataforma de forma burocrática por imposição da mantenedora. Segundo a docente, existe internet em sua escola, mas o sinal é bastante precário. Nesse sentido, não há como vislumbrar mudanças no ensino presencial com uso de recursos tecnológicos onde eles nunca foram uma realidade, nem mesmo durante a pandemia, haja visto, por exemplo, as escolas do campo. Isso significa dizer que não existe mudança, onde ela nunca chegou. É urgente e necessário reconfigurar novos modos de aprender e de se relacionar, mas sem permitir que o direito à educação seja negado por falta de infraestrutura e sem que a escola deixe de ser um lugar dinâmico e de múltiplas experiências.

5 Considerações Finais

O intuito deste artigo foi problematizar o contexto educacional que se instituiu em meio à pandemia, com a existência simultânea do ensino remoto e presencial na alfabetização, bem como seus desdobramentos. Para tanto, teve-se como *locus* principal de análise as experiências pedagógicas vivenciadas por uma professora alfabetizadora; tais vivências permitiram identificar, em linhas gerais, o (in)sucesso do novo contexto educacional após um ano de pandemia da COVID-19, em que se evidencia o quão complexa foi a tarefa de gerenciar a educação de crianças que se mantiveram em casa e as que voltaram para a escola aumentando a disparidade entre os processos de aprendizagens das crianças.

Retornar às escolas em 2021, exigiu sensibilidade e acolhimento que fez com que a professora alfabetizadora promovesse espaços de escuta a seus alunos, entendendo que a educação não se resume a conteúdos, mas às humanidades que se constituem no convívio por meio de situações de diálogo, sem julgamento e discriminação.

Observou-se que mesmo sem amparo do poder público, sem estrutura e espaços de formação docente para lidar mais uma vez com os desafios de se alfabetizar durante uma pandemia e com o acúmulo de trabalho docente, essa profissional não mediu esforços para garantir que as crianças, seja no ensino remoto ou presencial, tivessem o direito à educação minimamente garantido. Reconhece-se tais esforços, mas não se toma aqui como um suposto ideal, visto que o compromisso com a educação não poderia, diferentemente de qualquer contexto, estar apenas a cargo da docência.

Por fim, considera-se que os aspectos elencados ao longo do texto possam contribuir para as reflexões a respeito da tal “revolução na educação pós-ensino remoto” que profetizava que a escola nunca mais seria a mesma por tornar-se inovadora, na qual se utilizariam mais as tecnologias, com novas metodologias que garantiriam efetivamente a construção do conhecimento, em que docentes e discentes aprenderiam mutualmente... essa mudança (ainda) não chegou. Convém frisar que esse processo não depende unicamente da classe de professores. Para vislumbrar um novo futuro, há que se analisar o passado e se investir efetivamente no tempo presente.

Referências

- BERTONI, Estêvão O quadro da volta às aulas no atual estágio da pandemia. **Jornal Nexo**, São Paulo, p. 01-09, 02 ago. 2021.
- BOGDAN, Roberto.; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.
- CHIZZOTTI, Antônio. Tempos incertos. *In*: ALMEIDA, Fernando José; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; SILVA, Maria da Graça Moreira da (orgs.). **De Wuhan a Perdizes: trajetos educativos**. São Paulo: EDUC; PUC-SP. 2020. p. 216-221. *E-book*.

COSTIN, Cláudia. **Os desafios da volta às aulas presenciais.** [s.l.]: Portal FGT, 2021. Disponível em: <https://portal.fgv.br/artigos/desafios-volta-aulas-presenciais>. Acesso em: jan. 2023.

DIAS, Daniele Pampanini; SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. Das (im)possibilidades de se alfabetizar e investigar em condições de isolamento social. **Revista Brasileira de Alfabetização**, [s.l.], n. 14. p. 228-244. 2021.

EM REDE, Alfabetização. Alfabetização em rede: uma investigação sobre o ensino remoto da alfabetização na pandemia covid-19 - Relatório Técnico (Parcial). **Revista Brasileira de Alfabetização**, [s.l.], n. 13, p. 185-201, 3 dez. 2020.

FREITAS, Helana Célia de Abreu. **A construção da rede sócio-técnica de educação de assentados da reforma agrária:** o Pronera. 2007. 235f. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

FURUNO, Fernanda. **Desafios da educação.** [s.l.]: Soft Skills, 31 mar. 2020.

GATTI, Bernadete Algelina. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. Impactos da Pandemia. **Estudos Avançados**, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.34100.003>. Acessado em: 19 jan. 2023.

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

LINHARES, Maria Beatriz Martins; ENUMO, Sônia Regina Fiorim Reflexões baseadas na psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. **Estudos de Psicologia**, Campinas, n. 37, p. 1-14, 2020.

MARTINS, Thays Aulas presenciais voltam com a missão de recuperar os prejuízos da pandemia. **Correio Braziliense**, [s.l.] 04 ago. 2021.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32. 1999.

SANTOS, Claitonei de Siqueira. Educação escolar no contexto de pandemia: algumas reflexões. **Gestão & Tecnologia.** Faculdade Delta Ano IX, V. 1 Edição 30Jan/Jun 2020. Disponível em: <https://www.faculdadedelta.edu.br/revistas3/index.php/gt/article/view/52/41> Acessado em: 20 jan. 2023.